

**“LITERATURA MARGINAL”: A ESCRITA EM “OUTRAS” MÃOS.** Silvana José Benevenuto – Célia Aparecida Tolentino - Curso de Ciências Sociais – Departamento de Sociologia e Antropologia – Faculdade de Filosofia e Ciências – Campus de Marília.

A cultura brasileira nas últimas décadas é marcada por um acontecimento bastante significativo: o aparecimento da voz direta da periferia nas diversas produções culturais - nas músicas (funk, hip hop, rap), no cinema, e, especificamente, na literatura - arte na qual nos deteremos. A literatura, que por tanto tempo há perdurado no imaginário social como privilégio único de uma elite letrada, ganha espaço entre os “iletrados”, germinando nas vielas, nas ruas, nas “quebradas” e, inclusive, nas celas dos presídios, ganhando terreno na recente literatura carcerária.

Para adentrarmos no universo retratado pelos escritores “marginais” nos limitaremos à análise do livro *Literatura marginal: talentos da escrita periférica*. O livro, organizado por Ferréz, pseudônimo de Reginaldo Ferreira da Silva - morador do bairro Capão Redondo, na zona sul da cidade de São Paulo, um dos mais notáveis expoentes desta literatura - surge a partir de três edições especiais da revista *Caros Amigos*, atos I, II e III, sobre Literatura Marginal. Nele são reunidos textos de onze escritores diferentes, moradores das periferias dos grandes centros urbanos espalhados pelo país, incluindo, uma moradora de uma colônia de pescadores, em Pelotas (RS).

Os escritores que compõem o livro escrevem crônicas, contos, poemas, cartas e até textos de cunho jornalístico, muitos deles possuem traços autobiográficos. As formas variam, assim como os conteúdos tratados por cada um deles - que assumem algumas vezes caráter politizado, outros aparecem desprovidos de quaisquer projetos políticos, de maneira absolutamente descrentes, ou seja, as abordagens são múltiplas. Entretanto, apesar das diferenças podemos identificar elementos gerais que caracterizam esses escritores dentro da chamada “literatura marginal”.

Os escritores “marginais” denunciam uma vida difícil, cheia de injustiças sociais e raciais, marcadas pela forte discriminação e pelo descaso político e social. Reclamam o direito de falarem por si mesmos, sem os freqüentes mascaramentos impostos quando abordados a partir de uma perspectiva do centro para a periferia.

O uso da escrita como forma de expressão parece surgir do interesse desta população pobre e socialmente excluída em participar da produção cultural, a partir de uma cultura altamente valorizada no país: a cultura letrada. Ou seja, a produção literária aparece para os moradores da periferia como status para estes, geralmente marginalizados, conforme notamos nas palavras que seguem de Ferréz: “Cala a boca, negro e pobre aqui não tem vez! Cala a boca! / Cala a boca uma porra, agora a gente fala, agora a gente canta, e na moral agora a gente escreve” (FERRÉZ, 2005, p. 09, grifos meus).

Desse modo, o interesse pela expressão literária como meio de transmitir a experiência individual ou coletiva desta população marginalizada parece advir do fato de ser esta uma arte restrita a uma elite intelectual letrada e detentora do maior poder aquisitivo, que fora quem teve na história de nosso país acesso à escolaridade.

No entanto, a partir da segunda metade do século XX, este quadro começa a se reverter. Com a intensa urbanização pela qual passou o país, ampliaram-se as taxas de alfabetização e de escolaridade, que pela primeira vez na história do Brasil atinge amplos setores da população pobre e marginalizada. Contudo, as defasagens deste processo são sentidas, entre outras coisas, pela própria “literatura marginal”, onde identificamos o pouco domínio da norma culta da língua por parte destes escritores, embora isso não consista num empecilho para eles, pois fazem disto uma maneira a mais de se diferenciarem, além de servir como denúncia aos descasos políticos a que estão condenados.

Desse modo, independente de dominarem ou não a norma culta da língua, os escritores “marginais” estão presentes na cultura brasileira e afirmam:

Estamos na rua, loco, estamos na favela, no campo, no bar, nos viadutos, e somos marginais mas antes somos literatura, e isso vocês podem negar, podem fechar os olhos, virar as costas, mas já disse, continuaremos aqui, assim como o muro invisível que divide esse país. (FERRÉZ, 2005, p. 10).

A construção de experiências estéticas e ficcionais da realidade na moderna literatura brasileira revela percursos que, apesar das descontinuidades cronológicas e diferenças temáticas, demonstram caminhos alternativos às práticas literárias dominantes. Algumas tendências literárias no decorrer de nossa história revelam possíveis antecessores desta literatura: os escritos de Luiz Gama, no século XIX, a dispersa literatura proletária no início do século XX, Solano Trindade, Carolina Maria de Jesus, bem como, a produção literária da década de 70, que utilizou narrativas ficcionais e alegóricas para retratar a realidade, fugindo da censura do regime ditatorial.

João Antônio (1937-1996) é um dos poucos literatos destacados como referencial pelos escritores marginais. Suas obras tratam dos personagens suburbanos da capital paulista dos anos 60: malandros, jogadores de sinuca, boêmios, crianças abandonadas, prostitutas. Trata-se de um autor cuja origem social revela seu pertencimento ao mundo retratado em suas obras.

Outro escritor importante, que inicialmente teve sua literatura desprezada, considerada pobre, jornalística e não literária - preconceito fortalecido por sua cor e condição social - é Lima Barreto, escritor bastante reverenciado por João Antônio. Lima Barreto era negro e pobre, e retratou em suas obras os subúrbios cariocas e a hipocrisia da classe burguesa.

Estes autores nos permitem a observação de que a literatura brasileira em outros momentos, já retratara ficcionalmente experiências vividas pessoalmente pelos escritores, uma vez que suas obras condizem com a condição social e origem de seus autores. Eles tiveram, todavia, suas obras assimiladas pela literatura nacional.

Os narradores “marginais” parecem ter escolhido como antecessor privilegiado o escritor João Antônio, juntamente com Plínio Marcos, que aparecem citados por meio de trechos de suas obras na revista *Literatura Marginal – A cultura da periferia - Ato I* (2001). Entretanto, outra importante autora inserida num cenário ainda mais marginalizado, Carolina Maria de Jesus – mulher, negra, pobre, mãe solteira, favelada, catadora de lixo – não é citada como referência por estes escritores.

Carolina de Jesus, na década de 60, retrata em seu livro *Quarto de Despejo*, de maneira comovedora e envolvente, as dificuldades de se viver em meio à miséria absoluta, em uma situação de extremo caos social, econômico e cultural, em que mesmo não possuindo o essencial para atender às suas necessidades mais prementes, como o alimento do dia-a-dia sobre a mesa, ainda assim, encontra na escrita a possibilidade de distanciar-se do mundo prosaico e degradante em que vive e elevar-se ao sublime.

Esses escritores revelam em comum aos atuais narradores da marginalidade o fato de que “a vida se torna extensão do que se escreve, de que a palavra está consubstanciada com a existência” (ESLAVA, F. V., 2004, p. 48), ou seja, escritores que, de modo bastante diferenciados, mimetizaram na escrita a realidade na qual estavam inseridos. A escrita é usada como meio de expressão pela qual seus produtores buscam tornarem-se menos marginalizados, participarem da produção cultural do país e, com isso, buscam tornar suas vidas feitas de restos em algo mais sublime.

Cabe ressaltar, ainda, a importância fundamental de outra produção literária mais recente, que traz aos meios de comunicação em massa, a partir de 1997, uma maior visibilidade à produção cultural produzida pela população marginalizada: a publicação do livro escrito por Paulo Lins, morador da favela que nomeia a obra, *Cidade de Deus*.

Este romance, conforme diz Schwarz (1999) “merece ser saudado como um acontecimento. O interesse explosivo do assunto, o tamanho da empresa, a sua dificuldade, o ponto de vista interno e diferente, tudo contribui para a aventura artística fora do comum” (SCHWARZ, 1999, p. 163). A obra reflete o interesse por uma “produção centrada nas experiências urbanas da violência e da exclusão, em especial em formatos que possam reivindicar ‘autenticidade’ e ‘visceralidade’ testemunhal” (RODRIGUEZ, 2003, p.48), característica seguida por Ferréz e outros “talentos da escrita periférica”.

O romance traz à tona a reflexão acerca de oposições que caracterizam as narrações com as quais estamos lidando, como os frequentes conflitos entre real e ficcional, escrita poética e pragmática, dentre outros. Além disso, pensar na atual expressão literária “marginal” envolve já sumariamente pensar nas dificuldades advindas do conflito que o próprio termo sugere.

Conforme diz Alfredo Bosi, quando analisa os romances de João Antônio, podendo ser atribuído à atual literatura em questão:

O termo marginal é fonte de equívocos; sei que, na sociedade capitalista avançada, não há nenhuma obra que, se publicada, se possa dizer inteiramente marginal. O seu produzir-se, circular e consumir-se acabam sempre, de um modo ou de outro, caindo no mercado cultural dragão de mil bocas, useiro e vezeiro em recuperar toda sorte e malditos (BOSI, 1986, p. 5 e 6).

Ferréz usa o termo alertando para o cuidado de que o adjetivo que a qualifica não a renegue a uma literatura menor, ressaltando o fato de que assim como Kafka um dia foi considerado pela crítica feitor de uma “literatura menor”, pois era feita pela minoria dos judeus em Praga, essa literatura tem também a marca da “minoría”, embora seja feita pela maioria da população pobre e excluída socioeconomicamente. Afirma: “Hoje não somos uma literatura menor, nem nos deixemos tachar assim, somos uma literatura maior, feita por maiorias, numa linguagem maior, pois temos as raízes e as mantemos”. (FERRÉZ, 2005, p. 13).

Notamos que a periferia deseja inserir-se na tradição literária nacional, quer fazer parte desta produção, expressando suas experiências por meio da palavra escrita. Isto nos permite rever importantes questões da literatura enquanto prática cultural que sempre funcionou como marca de distinção de classe, servindo como separação entre a elite e a grande maioria da população excluída. Este movimento literário, quando se intitula de “literatura marginal”, se diferencia, pressupõe um distanciamento da produção feita nas “margens” da produzida pelos núcleos centrais do poder, ao que Ferréz responde:

O barato já tá separado há muito tempo, só que do lado de cá ninguém deu um gritão, ninguém chegou com a nossa parte, foi feito todo um mundo de teses e de estudos do lado de lá, e do de cá mal terminamos o ensino dito básico. (FERRÉZ, 2005, p. 13).

De maneira geral, a “literatura marginal” nos oferece questões para pensarmos na produção cultural da contemporaneidade, e nas características particulares de seu tempo histórico e social. A literatura em questão é aqui tomada como expressão cultural que retrata um tempo político, social e histórico real, que transcende a ficção narrada e a história pessoal do escritor e que reflete um fenômeno sócio cultural cuja existência encontra eco em seu atual contexto.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. São Paulo: Ed. Ática, 1994.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas III – Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. 3ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1994.
- BOSI, Alfredo. “Plural, mas não caótico”, em *Cultura Brasileira – temas e situações*. São Paulo: Ed. Ática, 2ªed, 1992.
- \_\_\_\_\_. “Um boêmio entre duas cidades”. Em *Abraçado a meu rancor*, de João Antônio. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986 (Ensaio).
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Ed. Nacional, 1985.
- ESLAVA, Fernando Villarraga. “Literatura marginal: o assalto ao poder da escrita”. In. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, nº24. Brasília, julho/dezembro de 2004, pp. 35-51.
- FERRÉZ. *Literatura Marginal: talentos da escrita periférica*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.
- JESUS, Carolina de. *Quarto de despejo – diários de uma favelada*. São Paulo, Ed. Círculo do Livro, [19\_ \_].
- RIBEIRO, Paulo Jorge. “Cidade de Deus – memória e etnografia em Paulo Lins”. Em *Lugar comum* nº 11, pp. 77-98.

RODRIGUEZ, Benito Martinez. “Mutirões da palavra: literatura e vida comunitária nas periferias urbanas”. Em *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, nº22. Brasília, julho/dezembro de 2003, pp. 53-67.

\_\_\_\_\_. “O ódio dedicado: algumas notas sobre a produção de Ferréz”. Em *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, nº24. Brasília, julho/dezembro de 2004, pp. 35-51.

SCHWARZ, Roberto. *Seqüências brasileiras: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ZIBORDI, Marcos. “Literatura marginal em revista”. Em *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, nº22. Brasília, julho/dezembro de 2003, pp. 69-88.